

# Literatura para Todos:

# Conversa com educadores



**LITERATURA  
PARA TODOS**

I Concurso Literatura para Todos

Consultoria Pedagógica

**Ira Maria Maciel**

Concepção

**Ligia Cademartori**

Elaboração

**Ira Maciel e Jane Paiva**

Edição e Texto

**Claudio Figueiredo**

Consultoria Técnica

**Jane Paiva e Ligia Cademartori**

Colaboração

**Alfabetizadores, professores e Coordenação de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria da Educação do Estado da Bahia e Coordenação de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.**

**Ministério  
da Educação**

Esplanada dos Ministérios  
Bloco L – 7º andar – Sala 710  
literaturaparatodos@mec.gov.br  
www.mec.gov.br

Literatura para Todos:

# Conversa com educadores

1ª Edição

Brasília – 2006



**LITERATURA  
PARA TODOS**

Título original: Literatura para Todos – Conversa com educadores

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

C122 Cademartori, Ligia.  
Literatura para todos : conversa com educadores /  
Ligia Cademartori, Ira Maciel, Jane Paiva. – Brasília : Ministério  
da Educação, 2006:

60 p. : il. ; 21 cm

1. Literatura brasileira. I. Maciel, Ira. II. Paiva, Jane. III.  
Título.

CDD 8869  
CDU 821.134.3(81)

---

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação.

# Índice

Caros educadores e alfabetizadores	7
Não basta alfabetizar	9
O direito à literatura	10
O concurso: novas obras para novos leitores	11
Literatura para quê?	12
O papel do alfabetizador	14
Um papo sobre livros e leitores	16
Na produção dos livros, a preocupação com o leitor	19
Os livros da coleção	20
Léo, o pardo	22
Cabelos molhados	24
Cobras em compota	26
Tubarão com a faca nas costas	28
Madalena	30
Abraão e as frutas	32
Caravela [redescobrimientos]	34
Entre as junturas dos ossos	36
Família composta	38
Batata cozida, mingau de cará	40
A palavra dos educadores	42
Do leitor ao escritor	56



## Caros educadores e alfabetizadores,

O livro que você tem nas mãos, *Literatura para Todos: conversa com os educadores*, foi preparado para apresentar os volumes desta coleção e para ajudá-lo a utilizar essas obras no seu trabalho na educação de jovens e adultos. Nele, pretendemos conversar com você sobre a importância da literatura e da prática da leitura. Não apenas para contribuir para a nossa educação ou a nossa formação como cidadãos, mas também para fazer de nós pessoas dispostas a conhecer novos mundos e novas experiências. Para falar sobre esse assunto, ouvimos alguns dos escritores e educadores que participaram do concurso como jurados.

Além de uma explicação de como as obras foram escolhidas, você encontrará aqui resumos dos livros da coleção e informações sobre seus autores e também sobre os gêneros literários adotados, como conto, poesia, teatro, crônica e outros.

Por último, para lembrar que você não está sozinho neste esforço, convidamos alguns educadores que trabalham com jovens e adultos a compartilhar conosco suas experiências. Eles falam sobre os primeiros contatos deles mesmos – ainda crianças – com a leitura e a literatura, explicando como essa experiência mudou suas vidas. Também contam casos de alunos seus e dão conselhos e sugestões sobre como despertar e manter o interesse pela leitura e literatura naqueles que freqüentam os cursos para jovens e adultos.

Acreditamos que o direito à literatura é tão fundamental quanto o direito à educação. Transformar esse direito – hoje ao alcance de poucos – numa realidade na vida de muitos é o desafio que temos pela frente.





## Não basta alfabetizar

Pela janela lá fora, já dá para ver que está bem escuro. São oito horas da noite. Com a mão cheia de calos de quem empilhou tijolo em cima de tijolo o dia inteiro, Genésio agora alisa as folhas do livro na sua frente, sentindo o macio do papel novinho. Custou muito – seis ou oito meses – para chegar até ali: o dia em que as letras no papel deixaram de ser um bicho-de-sete-cabeças. Ele aprendeu como as letras formam palavras e como as palavras formam frases. Seu pai, lavrador, nunca soube ler. Mas por que ele, Genésio, não aprenderia? Só porque não existiam livros lá onde cresceu, no sertão de Sergipe? Só porque tem mais de 40 anos? Agora, com o corpo cansado, depois de um dia duro de trabalho, Genésio se prepara para ler uma história. Uma história que pode lhe mostrar pessoas e lugares que ele nunca viu. Ou uma história que pode ajudá-lo a ver a vida de todos os dias de uma maneira diferente.

Todos os anos milhares de jovens e adultos – como Genésio – conseguem aprender a ler. Essa é sempre uma excelente notícia. Mas apesar de saberem ler seu nome, as placas nas ruas, as manchetes dos jornais, a maior parte dessas pessoas não chega a ver na leitura algo que possa mudar a sua vida. Outros chegam a ler jornais e revistas. Mas livros, só aqueles pedidos pelos professores na escola, sobre matérias como geografia, história ou português. Fica de fora um outro tipo de livro muito importante: as obras de literatura.

Genésio e outros como ele podem ler um livro utilizado na escola. Podem ler um manual para ser um bom vendedor; uma revista para ficar a par das fofocas sobre os artistas; podem ler um livro técnico para aprender a fazer uma instalação elétrica. Tudo isso pode ser útil ou agradável. Mas a literatura de que estamos falando é coisa bem diferente. Por obras literárias queremos dizer romances,

contos, poemas, crônicas ou o texto de uma peça de teatro, por exemplo. Da sua importância falaremos mais adiante. Mas desde já podemos adiantar que o seu principal ingrediente é o que a diferencia de todas as outras é a *imaginação*. Pois a literatura mexe com a imaginação tanto do autor, como do leitor. Veremos que em vez de falar apenas em *aprender a ler*, deveríamos falar em *aprender a ser leitor*. Ler não é tarefa apenas para os meses que levamos para aprender a formar palavras com as letras do alfabeto: *ser leitor é uma experiência – um prazer – para a vida inteira*.

## O direito à literatura

Como você sabe, vivemos num país muito desigual. Enquanto uns têm casas confortáveis, muitos moram em péssimas condições. Se uma minoria ganha muito bem, outros recebem salários baixos. Enquanto algumas crianças freqüentam boas escolas, outras enfrentam muitas dificuldades para estudar. Cada vez mais a população vem lutando para garantir o acesso à moradia, ao trabalho, à saúde, à educação e à justiça. Mas neste esforço para se construir um país mais justo, existe um direito ao qual não temos dado a devida atenção: o direito de ter acesso à literatura. Existem no Brasil hoje cerca de 68 milhões de jovens e adultos que, apesar de já terem aprendido a ler, não lêem romances, nem livros de contos ou poesia, enfim, nenhuma obra literária.

Muitas obras de literatura são publicadas no Brasil. Mas basta entrar em qualquer livraria do país para perceber que elas são freqüentadas por pessoas de classe média ou mais ricas. E dá para entender o porquê. Os livros são muito caros. Pelas cidades do interior do país é raro encontrar uma livraria. As bibliotecas, embora venham aumentando, ainda são poucas. Tudo isso contribui para

afastar da literatura a maior parte da população, aquela mais pobre. As pessoas que têm mais recursos e mais oportunidades dão valor à literatura, apreciam ler um bom romance, ler uma história que prenda a atenção ou ler um poema capaz de nos emocionar. Mas por que essa prática hoje só está ao alcance de uma minoria? Por que esse direito continua a ser negado à maioria da população? Não precisa ser assim. Não deve ser assim.

## O concurso: novas obras para novos leitores

Um passo importante na longa jornada para mudar essa situação foi dado pelo Ministério da Educação-MEC, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, ao promover o *Concurso Literatura Para Todos*, que premiou as melhores obras para os neoleitores do Programa Brasil Alfabetizado. Você, agora, tem a chance de participar deste projeto, um esforço que mobilizou escritores, professores e outros profissionais em todo o Brasil.

Por que realizar um concurso voltado especialmente para esses novos leitores – ou neoleitores, como costumamos chamá-los? Porque acreditamos que eles têm necessidades específicas. Depois de viverem a experiência da alfabetização, eles passaram a usar a leitura nas tarefas simples do seu cotidiano. Agora, esses jovens e adultos recém-alfabetizados podem dar um passo adiante e ter contato com outro tipo de material escrito, que até então não fazia parte do seu dia-a-dia. É o caso das obras de literatura. Dessa maneira eles estão construindo uma nova maneira de lidar com a cultura escrita. Esta coleção foi criada para que encontrem livros adequados ao estágio em que estão – nem complicados demais, nem próprios para o público infantil.

Uma seleção inicial entre as centenas de trabalhos inscritos ficou a cargo de uma primeira comissão, formada por Cristiane Costa, Heitor Ferraz, Júlio Diniz e Maria da Luz Cristo. Depois, para escolher as melhores entre tantas obras, convocamos quem entende do assunto, cinco escritores: Moacyr Scliar, Milton Hatoum, Antonio Torres, Rubens Figueiredo e Marcelino Freire. Também participaram do júri as professoras e pesquisadoras Jane Paiva, Ligia Cademartori e Magda Soares, que se dedicam à alfabetização e ao estímulo à leitura entre jovens e adultos. Completou o grupo a editora Heloísa Jahn, com experiência na preparação e publicação de livros.

Para escolher os melhores livros, houve uma discussão coletiva travada, durante seis meses, por profissionais. Desse debate, organizado pela consultora pedagógica do projeto, Ira Maria Maciel, tomaram parte os escritores, professores e pesquisadores que integravam as comissões julgadoras, assim como Timothy Ireland, o coordenador geral, e Tancredo Maia Filho, o seu coordenador técnico. O objetivo foi selecionar obras originais e capazes de prender a atenção do leitor.

## Literatura para quê?

Todos nós sabemos que é muito importante saber ler para ter melhores oportunidades de trabalho, para tentar melhorar de vida e enfrentar as muitas situações diferentes que encontramos no dia-a-dia. Mas por que é importante poder ler também obras literárias como romances, contos e poemas? Durante todos os dias de nossas vidas, fazemos e dizemos coisas muitas vezes sem pensar muito, quase que automaticamente. Dessas coisas todas, passado algum tempo, o que fica na nossa memória? O que faz

diferença para a nossa vida? Pouca coisa. Daquilo de que nos lembramos o que fica de mais marcante são certos momentos especiais, em que enxergamos o mundo, nós mesmos ou outras pessoas de uma outra maneira. São momentos em que vivemos a vida mais intensamente – em que somos mais nós mesmos.

Uma angústia que sentimos no peito sem saber direito o porquê. Um sonho que tivemos – dormindo ou acordados – e que nos deixou com uma sensação diferente, boa ou ruim. Um sentimento que temos por uma outra pessoa e que não conseguimos direito transformar em palavras. A saudade de alguém, de um lugar, de uma época da nossa vida. No meio de centenas de pedestres andando apressados no meio da rua, podemos às vezes parar e perceber um detalhe, uma história que está acontecendo ali ao lado, mas que ninguém está enxergando. Deixar de ser aquela pessoa que está sacolejando dentro de um ônibus para se colocar por alguns momentos, em imaginação, na pele de um aventureiro que esteve cruzando os mares numa caravela há mais de 500 anos!

Onde podemos ler e compartilhar esse tipo de experiência? Numa revista sobre esportes? Na primeira página de um jornal? Num livro de receitas? Não, só mesmo nas obras literárias. É nos romances, nos contos, nos poemas, que a imaginação, tanto do autor como do leitor, acabam se completando: um livro só ganha vida no momento em que alguém o apanha e abre suas páginas para descobrir o mundo que se esconde ali dentro. Abrir um livro é como abrir os olhos e o coração tanto para o que está dentro de nós, como para o mundo ao nosso redor. Despertar a imaginação para aprender a ver de outra maneira a vida que temos hoje e a vida diferente que um dia ainda podemos ter.

## O papel do alfabetizador

Os professores e agentes alfabetizadores encarregados de distribuir os livros da coleção *Literatura Para Todos* podem ter um papel muito importante para fazer com que todos aproveitem ao máximo essas obras e para estimular um contato cada vez maior com a literatura. O que fazer para estimular esses novos leitores? O assunto virou tema de conversa entre os escritores e professores que ajudaram a organizar o concurso.

A educadora Ligia Cademartori tem pelo menos uma certeza a respeito desse assunto:

– É muito importante que o alfabetizador leia e demonstre entusiasmo pela leitura. Assim, poderá ler para os alunos, ler com os alunos, ouvir a leitura dos alunos e conversar com eles muito à vontade sobre esses livros. Quem gostou? Quem não gostou? Por que?

Já o romancista gaúcho Moacyr Scliar entra no papo recomendando:

– Acho que vou começar com um não: não se deve transformar a leitura em obrigação. Deve ser mais um convite ao prazer do texto. Depois, botar o leitor para participar: quem sabe escrever sua própria versão da história? Acho que estimular a escrever é importante. Acho que muitos jovens se tornam leitores porque querem escrever.

Mas será que esse prazer não exige nenhum esforço? A professora Jane Paiva, que também participou da escolha das obras do concurso, alerta:

– Leitura também é trabalho, até que venha, um dia, a ser prazer. Só é prazer para quem, trabalhando, se apaixona pelas histórias, e passa a encontrar, a descobrir o prazer.

O escritor pernambucano Marcelino Freire concorda com Moacyr Scliar.

– É isso aí, Moacyr. É importante mostrar que a literatura não é chata. Que a literatura é coisa viva que faz parte do dia-a-dia dos alunos. O professor poderia ler contos em sala ou pedir que as pessoas escrevam. Quem sabe, por exemplo, organizar um jornal com os alunos, no qual eles publiquem suas coisas?

Como sempre nas conversas sobre esse assunto, as idéias começam a pipocar. Mas todos concordam que não existe nenhuma fórmula mágica, o importante é ir sentindo a disposição e o interesse desses nossos novos leitores. Como aconselha o escritor carioca Rubens Figueiredo que, aliás, também é professor:

– O importante é não tentar impor algo que foi programado de antemão quando se percebe a resistência da parte dos alunos. O professor não deve excluir algum tipo de leitura. Se ficar claro que aquilo interessa fortemente aos alunos, por que não experimentar?

A educadora Magda Soares chama a atenção para o caminho a ser percorrido pelo leitor à medida que vai se sentindo cada vez mais à vontade no mundo da literatura.

– A gente costuma pensar que o leitor se forma passando da literatura de criança para a de jovens e daí para a literatura de adultos. Mas é importante lembrar que existe um caminho nessa formação que não é definido pela idade, mas sim pelo que podemos chamar de amadurecimento literário. O que é isso? Ele acontece à medida que o leitor vai aprendendo a distinguir não só temas e estilos, como também os sentimentos e emoções em todas as suas sutilezas. O leitor passa a ver os motivos que estão por trás das ações dos personagens, passa a enxergar no

personagem o ser humano, em tudo que este tem de complicado. E como esse amadurecimento vai ocorrer depende da maneira como apresentarmos as obras literárias a este leitor.

Todos concordam que, ao ler diferentes tipos de textos, nossos novos leitores podem ser estimulados de várias formas. Se estiverem lendo um relato de viagem ou uma biografia, por que não sugerir que tentem escrever sobre uma viagem que tenham feito ou a história deles mesmos ou de um parente? Assim eles vão perceber que também têm histórias que valem a pena ser contadas. Se o assunto for poesia ou tradição popular, não seria possível convocar um violeiro para ouvir e conversar sobre um folheto de cordel? Ou ainda pôr no papel uma das histórias sobre lendas do interior, quem sabe um caso contado há muitos anos por um avô ou avó?

Marcelino Freire resume, à sua maneira, a opinião de todos:

– É isso aí, pessoal! O negócio é tornar essa experiência divertida, sem regras chatas. Vamos tirar um pouco a literatura do pedestal!

## Um papo sobre livros e leitores

A conversa segue adiante. O que o escritor Marcelino Freire quis dizer quando falou em “tirar a literatura do pedestal”? É que, da mesma forma que uma estátua é posta sobre um pedestal, muita gente costuma colocar a literatura *lá em cima*, como uma coisa reservada apenas a umas poucas pessoas, acima da gente, das nossas vidas, do nosso dia-a-dia. Ora, como vimos, é justamente o contrário!

Cada um agora lembra como acabou chegando aos livros e à literatura. A professora Jane Paiva comenta que na sua casa havia



muitas revistas em quadrinhos, como *Almanaques do Tico-Tico*, *Luluzinha*, *Mickey...* Aliás, isso mostra que não importa se um lê poesia e outro, histórias em quadrinhos ou uma revista sobre futebol. Não devemos torcer o nariz para nenhum tipo de leitura ou nos acharmos *superiores* porque lemos um tipo de livro ou revista e não outro. Dos gibis, Jane passou para os livros.

– Eu adorava ler os livros de Monteiro Lobato – conta Jane. E a grande paixão mesmo foi com *A chave do tamanho*, em que a Emília sai em busca de um jeito para acabar com a guerra, com toda sua inutilidade e hipocrisia. Até hoje esse livro me emociona.

Para essa professora, ainda quando era bem jovem, a paixão pelos livros entrou num caminho sem volta. Leitura não tinha mais hora nem lugares certos:

– Lia sentada na muretinha da varanda, deitada de barriga pra baixo na cama, de barriga pra cima e livro no alto, em cima das árvores do quintal, na mesa, no sofá, em todo lugar. Hoje leio na fila de banco, de espera de qualquer coisa, e carrego comigo sempre um livro quando vou a médico, a dentista, todo lugar onde tenha de esperar.

Para ler, toda hora é hora: é algo que dá para fazer em qualquer lugar. Ou quase todos:

– Menos no banheiro – aconselha Moacyr. – Os médicos dizem que não é indicado: provoca hemorróidas!

Depois da risada geral, Ligia insiste:

– A gente pode ler a qualquer hora e em qualquer lugar. Ler é exercício de liberdade, ora! Moacyr está certo ao lembrar que os médicos não recomendam ler no banheiro. Mas não vão ficar sabendo, né? Então...

O baiano Antônio Torres interrompe o debate para lembrar da sua infância, no sertão da Bahia.

– Devo o gosto pela literatura a duas professoras: Dona Serafina e Dona Teresa. Benditas sejam elas! Uma delas, num dia Sete de Setembro, me colocou num palco para que eu recitasse um poema de Castro Alves... – conta o escritor, que até hoje lembra dos versos.

*“Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n’alma  
É germe – que faz a palma,  
É chuva – que faz o mar.”*

Vejam como pequenos gestos de um professor podem influenciar um aluno. E às vezes mudar o rumo da vida de uma pessoa! Torres revela que outro grande estímulo que recebeu veio da sua mãe.

– Tudo começou com minha mãe, dona Durvalice, que aprendeu a ler escondido, pois ela pertence a uma geração de mulheres nascidas e criadas no campo, onde os pais não permitiam que suas filhas estudassem: não queriam que aprendessem a escrever cartas para os seus namorados. E isso em pleno século XX! – conta o escritor.

Puxa, os tempos mudaram, não é? Ainda bem! No Brasil, ninguém precisa mais se esconder para aprender a ler. Quem quiser descobrir os muitos mundos que existem entre as páginas de um livro, pode começar pelas obras que vamos apresentar agora. Conheça a seguir os livros da coleção que vai levar *Literatura para Todos!*

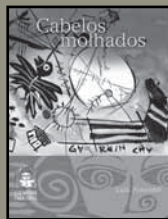
## Na produção dos livros, a preocupação com o leitor

As capas, as ilustrações e até o formato das obras da coleção foram escolhidos de modo que os livros ficassem não só mais bonitos, como também mais práticos e cômodos para os leitores. A maneira como o texto está disposto nas páginas foi pensada para tornar a leitura a mais agradável possível. O tipo, o estilo e o tamanho das letras também não foram escolhidos por acaso. Não parece, mas detalhes como esses são importantes. Até a quantidade de letras por página e o espaço entre uma linha e outra podem fazer com que um livro seja mais fácil de ler. Já reparou como cansa ler livro ou jornal com letra miudinha?

As ilustrações são muitas e de estilo bem variado. Alguns artistas pintaram com aquarela, outros usaram grafite, xilogravura ou fotografias, escolhendo a técnica que mais tivesse a ver com o assunto e a história de cada obra. Você, educador ou alfabetizador, pode até conversar com os leitores sobre a maneira diferente como cada obra foi ilustrada. Será que nossos artistas acertaram?

Também foram tomados cuidados para que os livros fossem bem resistentes e para que as páginas não se soltassem. Outro detalhe: sempre que surge uma palavra menos conhecida ou um assunto que exige uma explicação, uma notinha ao lado do texto esclarece o leitor, sem que ninguém precise procurar notas lá no fim do livro. Essas notas foram preparadas com a ajuda dos dicionários *Houaiss* e *Aurélio* da língua portuguesa, de enciclopédias, e com informações oferecidas pelos próprios autores das obras da coleção.

# Os livros da coleção







## **Léo, o pardo**

Biografia

**Rinaldo Santos Teixeira**

Esta é uma história pessoal. Leonardo é um garoto que sai do interior de Minas Gerais, onde vivia com outros dez irmãos, numa viagem que acabará levando-o até São Paulo, onde consegue estudar numa faculdade. Entre o ponto de partida e o de chegada, ele fala da sua família pobre, dos amigos e dos muitos preconceitos que teve de enfrentar. Uma história comovente que revela muito sobre o nosso país.

*“Rinaldo parece escrever com a naturalidade de quem fala. Mas escrever assim, acreditem, não é nada fácil. Não adianta soltar o verbo e deixá-lo cavalgando no campo branco da página. Tem de saber conter o trote. Não pode desembestar. Rinaldo, que aprendeu ouvindo histórias de família, sabe levar este cavalo e embelezar a nossa vida com suas palavras. É o que se lê neste Léo, o pardo, um livro bonito, comovente e carregado de experiência de vida.”*

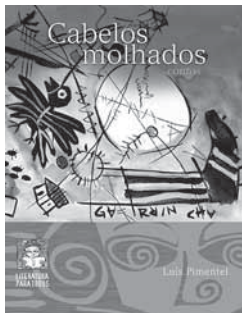
*Heitor Ferraz*

## O autor

**Rinaldo Santos Teixeira** nasceu em 1973 na cidade de Campo Belo, Minas Gerais, e mora em São Paulo. Graduado em Português pela USP, foi autor do roteiro do curta-metragem *Daqui nós não arreda o pé*. Publicou *Preto é preto! Branco é branco! Nada de confusões!*, estudo comparativo entre o romance *O mulato*, de Aloísio Azevedo, e *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire. “Minha mãe, Dona Preta, usava jornais pra fazer os moldes das roupas. De vez em quando parava tudo pra ler as notícias. Mais tarde, quando trabalhou em escolas, pegava emprestado os livros das bibliotecas e levava pra gente”, lembra Rinaldo. Ele conta como começou a escrever: “Minha irmã se mudou com o marido para Belo Horizonte. Daí virou febre lá em casa escrever para ela, para matar a saudade. Também gostava de escrever, de noite, as coisas que aconteciam comigo durante o dia, mas esses eu não mostrava pra ninguém”.

## Gênero/Biografia

Um relato biográfico é aquele no qual se conta a vida de uma pessoa, seja ela a do próprio autor – o que chamamos de uma autobiografia – ou não. Ela pode ser curta como uma novela ou longa como um livro – e dos mais grossos. Muitas vezes, ao escrever uma biografia, o autor procura reconstruir a vida daquela pessoa com o mesmo cuidado com que um romancista monta seu personagem imaginário. Dessa forma, o biografado – assim como a época e o ambiente em que viveu – ganha vida novamente ao ter seu mundo reconstituído de maneira minuciosa.



## **Cabelos molhados**

Contos

***Luís Pimentel***

O homem que viu sua vida mudar quando, sem querer, sentou em cima de um cachorrinho no sofá. O lavrador acusado de matar a esposa. O moleque que quebrou uma vidraça com uma bolada. O louco que experimenta o sabor da vida fora do hospício e a mãe que espera a visita anual do filho. Os personagens dessas pequenas histórias – algumas de desfecho surpreendente – vivem situações que mostram o que pode existir de dramático no nosso dia-a-dia.



*“São contos enxutos, certos como uma flecha apontada para o coração. De onde vêm as histórias? Será que ele viveu isso tudo? Não sei dizer. Assim como também não sei explicar por que elas mexem comigo, como se fizessem parte da minha vida. Provavelmente você, leitor, terá a mesma sensação. O bom é que, com estes contos curtos, você vai beliscando e, quando viu, já provou tudo. Fica saciado de boas histórias. Mas ainda com gostinho de quero mais.”*

*Cristiane Costa*

## O autor

**Luís Pimentel** nasceu em Feira de Santana, Bahia, em 1953, e mora na cidade do Rio de Janeiro. Jornalista e escritor, trabalhou em diversos jornais e revistas, como *Última Hora*, *O Dia*, *Jornal do Brasil*, *O Pasquim21*, *MAD* e *Bundas*. Tem cerca de 20 livros publicados, entre obras infanto-juvenis, contos, poesia, humor e sobre aspectos e personagens da música brasileira. “Não havia livros em minha infância”, lembra Luiz. “A família era muito humilde, não tinha dinheiro para gastar com ‘essas coisas’.” Descobriu os livros na biblioteca pública da cidade onde passou a infância, Feira de Santana. Minha infância e adolescência foram marcadas por livros de aventuras, como *O conde de Monte Cristo* e *Moby Dick*”. Sobre suas histórias, ele explica: “Elas surgem quando menos espero. Meus personagens me procuram e me acham, onde quer que eu esteja”.



## Cobras em compota

Contos

**Índigo**

Com humor e ironia, a autora relembra de uma maneira muito original situações vividas desde a sua infância, como se também suas memórias fossem embaladas numa das compotas do título. São divagações, fantasias e observações em torno do dia-a-dia que irão divertir você.

*“São contos de extrema leveza. Delicadeza. Sem perder a espartezza. Índigo escreve com graça, ironia. Ela cutuca, provoca. Desconheço uma autora como ela. Poucas têm uma imaginação tão fértil. Vai envolvendo a gente.”*

*Marcelino Freire*

## A autora

**Índigo** nasceu em Campinas, em 1971, e vive atualmente na cidade de São Paulo. É formada em jornalismo pela Universidade de Minnesota (EUA). Assina seus trabalhos com o pseudônimo de Índigo desde que começou a se dedicar à literatura, em 1998, quando divulgou seus primeiros contos por meio da internet. “Minhas histórias sempre surgem a partir de um personagem. Se não há personagem, não há história. Uma coisa importante é descobrir como esse personagem se expressa. Outra é encontrar uma primeira frase que seja uma *paulada*. Se consigo essas duas coisas, é sinal de que tenho uma boa história”.

## Gênero/Contos

Contos são narrativas curtas, nas quais o escritor cria seus personagens e monta uma determinada situação de maneira bem concisa. Dessa forma, ele precisa saber pintar – com poucos traços – pessoas, cenários e tramas que sejam convincentes. Como o espaço é pequeno, o autor procura concentrar a atenção do leitor num único ponto de interesse. As histórias podem ser lidas de forma independente. Hoje se lê um conto, amanhã, outro. Tudo bem.



## **Tubarão com a faca nas costas**

Crônicas

**Cezar Dias**

A partir de fatos e cenas aparentemente insignificantes, colhidos em meio à sua rotina diária – o decote de uma moça que passa, uma notícia curiosa no jornal, a rotina de um domingo –, o cronista parte para, em pensamento, fazer uma viagem, levando com ele o leitor. As distâncias são curtas no papel, mas longas na imaginação. O ato de oferecer um colo a uma criança num ônibus muda seu estado de espírito e o faz pensar sobre o filho que ele não tem. Uma cena lida num romance lembra o suicídio de um conhecido de infância. Um garoto, com alguns versos encontrados ao acaso num livro, consegue arrancar um beijo de uma menina.

*“Cezar Dias tem a vocação do cronista. Seus curtos, sintéticos textos, têm tudo aquilo que se espera encontrar numa crônica. Ali está o retrato sensível do cotidiano. Ali está a empatia para com as pessoas, mesmo humildes, mesmo desconhecidas (ou exatamente por serem humildes,*

*desconhecidas). É a crônica na sua melhor expressão. Recomendamos, com o maior entusiasmo, a leitura deste Tubarão com a faca nas costas.”*

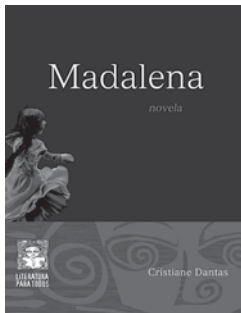
*Moacyr Scliar*

## O autor

**César Dias** nasceu em 1970, na cidade de Santa Cruz, Rio Grande do Sul, e mora em Porto Alegre, onde se formou em Letras. Depois de ser professor em escolas municipais e estaduais de Porto Alegre, trabalha atualmente como revisor e redator no Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. “Comecei a gostar de ler mesmo só depois de adulto, na faculdade”, lembra Cesar. “Pedi a um amigo que lia bastante que me indicasse uns livros. Ele, como se fosse um irmão mais velho, tão bem me falou dos livros que os li um atrás do outro, com vontade”. Suas histórias e personagens, segundo ele, nascem de várias maneiras. “Por exemplo, de uma frase que leio e que me dá uma idéia; ou de uma conversa que eu ouço em qualquer lugar”.

## Gênero/Crônica

Crônicas são textos não-ficcionais, ou seja, não contêm histórias imaginadas pelo autor. Escritas de forma livre e bem pessoal, nelas ele expõe suas opiniões, observações ou pensamentos. O ponto de partida não importa tanto: pode ser um fato corriqueiro que o autor presenciou, uma notícia que leu ou uma frase que ouviu. O mais importante é o tom: uma crônica é um fio de prosa, que o escritor vai desenrolando como quem não quer nada, de maneira leve e descontraída, como se conversasse com o leitor.



## Madalena

Novela

**Cristiane Dantas**

Esta é a história de Madalena, desde o momento em que deixa Jacuípe, pequena cidade no interior nordestino, em 1935, fugindo do marido, homem violento e alcoólatra, com quem foi obrigada a se casar. As pessoas e experiências que vão marcar sua vida, de muita dureza, e à qual não faltam conflitos, você vai conhecer nesse livro, que prende a nossa atenção até o final.

*“Caro leitor, você vai ter o prazer de conhecer Madalena, personagem inesquecível criada por Cristiane Dantas. Com uma narrativa ágil e profunda, a autora deixa todos nós com o coração aos saltos, ao acompanharmos a história de um mulher que teve coragem de enfrentar a vida e ser senhora de si.”*

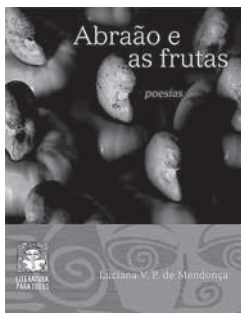
*Ira Maria Maciel*

## A autora

**Cristiane Dantas** nasceu em 1966 no Rio de Janeiro, onde mora até hoje. Foi professora primária e já há dez anos trabalha como roteirista de TV. “Devorei as aventuras da Mônica e do Cebolinha e tive discussões intermináveis com minha irmãzinha sobre quem era mais poderoso, se o Batman ou o Zorro, e olha eu aqui ganhando concurso do MEC... Mas minha mãe conta que desde os oito meses que eu gosto de livro: conseguia virar as páginas direitinho, sem mastigar nenhuma”. Quanto às histórias que escreve, Cristiane diz que seus personagens estão por aí, na casa da gente, no trabalho, na rua, no ônibus, na padaria. “Gosto de manter os olhos abertos e os ouvidos atentos, observar gestos, ouvir as histórias das vidas das pessoas. Depois, ora acrescento, ora retiro, ora misturo tudo isso”.

## Gênero/Novela

No nosso dia-a-dia, a palavra novela é logo associada pela maioria das pessoas às novelas de TV. Mas quando falamos de gêneros de obras literárias, a palavra novela significa uma narrativa ficcional, ou seja, uma história inventada pelo autor. Ela é classificada assim por causa do seu tamanho: para ser considerada uma novela, uma história não pode ser tão curta como um conto, nem tão longa como um romance.



## **Abraão e as frutas**

Poesias

**Luciana V. P. de Mendonça**

A autora assume a voz de Abraão, um *homem comum* que decide escrever um livro com poemas de vários tipos, de versos sem rimas a sonetos complicados, um sobre cada uma de suas frutas preferidas: abacaxi, pêsego, goiaba, caju, manga, morango e outras... Ela vai da pitanga (“miudinha, bonitinha, vermelhinha”) à melancia, que “é como uma bela donzela/e seu seio vermelho tão doce e gostoso/que ela se cobre de verde naquela esfera”. Ao longo do caminho, fala da obra de poetas como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar ou o pernambucano João Cabral de Melo Neto, lembrando as semelhanças que este descobriu entre o Recife, onde nasceu, e a cidade espanhola de Sevilha, pela qual se apaixonou.

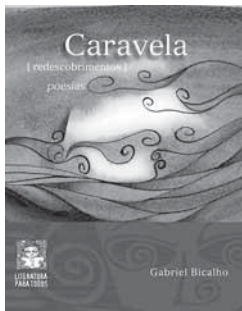


*“Abraão e as frutas é delicioso! Como toda poesia de boa qualidade, essas vão muito além do que está escrito. Temos poemas saborosos, com uma linguagem simples, mas sem perder a profundidade das coisas. Os leitores têm nesse conjunto de poemas a possibilidade de aprender como se faz poesia e os infinitos sabores que ela oferece. Além disso, podemos pensar sobre quem somos como povo brasileiro.”*

*Maria da Luz Cristo*

## A autora

**Luciana V. P. de Mendonça** nasceu, em 1962, no Rio de Janeiro, onde mora até hoje. Jornalista, redatora e tradutora, tem poemas publicados na revista *Poesia Sempre*, editada pela Biblioteca Nacional. Em dezembro de 2005, lançou seu primeiro livro de poemas, *O nada acontece*, publicado com seus próprios recursos. “Os livros estiveram muito presentes na minha infância”, recorda Luciana. “Moramos por um bom tempo na casa do meu avô, uma casa cheia de livros. Eu adorava o meu avô; foi ele quem me transmitiu o gosto pela leitura e o carinho pelos livros. Ler é um prazer enorme para mim; é como ir à praia, namorar, ir ao cinema. Uma experiência que gostaria de dividir com meus leitores é a sensação de descobrir sempre mais. Ler é descobrir o mundo.”



## Caravela [redescobrimentos]

Poesias

**Gabriel Bicalho**

Os poemas dessa coletânea, já a partir do próprio título, exibem sempre algum elemento marinho. Mas, além do mar, as palavras parecem ser o principal tema dos poemas. Neles, o autor, de uma maneira bem-humorada, monta e desmonta sílabas e sentidos, convidando o leitor a participar de um jogo: aquele que nos leva ao *redescobrimento* da própria linguagem.

*“A caravela de Gabriel Bicalho parte para uma viagem de redescobrimentos, ao brincar com palavras, sons, ritmos e sentidos nos poemas. Como a navegação se faz rompendo fronteiras, ela empurra sempre o horizonte para mais adiante do que se tinha à vista, e exige fazer da imaginação o vento que impulsiona as velas capazes de antever o que está além do visível, do conhecido.”*

*Jane Paiva*

## O autor

**Gabriel Bicalho** nasceu em 1948 na cidade de Santa Cruz do Escalvado. Atualmente vive na cidade histórica de Mariana, também em Minas Gerais. Funcionário do Banco do Brasil durante quase 25 anos, é poeta autodidata, tendo participado de várias antologias. Desde muito cedo, Gabriel teve contato com a leitura: “Aos oito anos eu lia, além de gibis, poemas e contos infantis”. Como autor, ele explica, o que lhe dá satisfação “é escrever, de maneira clara e concisa, poemas que todos possam entender; e se os novos leitores conseguirem futuramente escrever poemas, ficarei muito feliz.”



## Entre as juntas dos ossos

Poesias

**Vera Lúcia de Oliveira**

“As meninas que da alma pulam/brincam de esticar/o tempo.” O verso de abertura do primeiro poema dessa coletânea dá bem a medida da delicadeza da poesia de Vera Lúcia de Oliveira. Uma poesia que exige toda a atenção do leitor e na qual o apelo à sensibilidade e aos sentidos (“escuto”, “tropeço”, “vejo”, “mudez”, “o cheiro”, “um gemido”) se confunde quase sempre com a natureza (“trovoada”, “bosque”, “pedras”, “chuva”, “grama”), como no seguinte verso: “Dei para pisar no rangido dos ventos.”

*“Com quantas coisas se faz um poema? Com palavras, ritmo, cor – e um assunto. Os poemas de Vera Lúcia procuram dar conta de todas as vidas presentes na memória: tudo o que foi vivido – e perdido, e mesmo assim conservado. O jogo entre as palavras duras e as imagens muito fluidas se estabelece graças à fina inteligência poética com que ela constrói sua poesia.”*

*Heloísa Jahn*

## A autora

**Vera Lúcia de Oliveira** nasceu em 1958 na cidade de Cândido Mota, interior de São Paulo, e desde 1983 vive na Itália, onde ensina Literatura Portuguesa. A autora, que escreve tanto em português como em italiano, teve poemas publicados em várias antologias no Brasil, Itália, Portugal, Estados Unidos, Espanha e Portugal. “Nasci numa cidadezinha do interior de São Paulo”, conta Vera Lúcia. “Meu pai era eletricista, minha mãe lavava e passava roupa para fora. Em casa não havia livros. Eu vivia buscando desesperadamente algo para ler. Cheguei a ler e a re-ler dezenas de vezes alguns livros, como *O meu pé de laranja lima*. Eu me sentia como aquele menino do romance, maltratado pelos adultos. Achava que ninguém ligava para as crianças, que ninguém respeitava a opinião delas”.

## Gênero/Poesia

Na poesia, o autor se expressa em versos. Por tradição, a poesia costumava ser governada pelas rimas e pela métrica (indicada pelo número de sílabas das palavras). Mas os poetas foram trabalhando seus versos com uma liberdade cada vez maior, ignorando regras mais rígidas. Hoje a poesia se faz com versos de tamanhos iguais ou diferentes, rimados ou não. Poesia, mais do que alinhar uma frase em cima da outra, é uma outra maneira de ver as coisas, a vida, o mundo, enfim. Um modo diferente de sentir e expressar daquele que é usado no texto corrido, que chamamos de prosa.



## **Família composta**

Teatro

***Domingos Pellegrini***

Nessa curta e divertida peça de teatro, um pai – entre muitos resmungos e reclamações – ajuda a filha solteira a criar o bebê. Até o dia em que ele vê suas velhas convicções balançarem quando o pai da criança e seu futuro genro, um poeta, invade a sua casa para, com seus versos e suas rimas, fazer com que ele olhe o mundo de outra maneira, virando sua vida de pernas para o ar.

*“Vocês vão ler um livro que fala um pouco da nossa vida e a das pessoas que conhecemos. Um texto que trata de afetividade, família, amor, valores, poesia, enfim, coisas do dia-a-dia. A trama é muito bem costurada. O autor constrói, a partir de duas situações dramáticas, a maternidade da filha e a separação do pai, uma história cotidiana e familiar com muita sensibilidade, crítica e humor. Aproveitem! Boa leitura porque o livro vale a pena.”*

*Júlio Diniz*

## O autor

***Domingos Pellegrini*** nasceu em 1949 em Londrina, Paraná, onde reside atualmente. Pai de quatro filhos, jornalista, publicitário e escritor, já publicou cerca de quarenta livros, entre romances, coletâneas de contos, crônicas, poemas e histórias infanto-juvenis. Recebeu prêmios importantes. Para ele, a leitura nos ajuda a ver o mundo com os nossos próprios olhos: “Poder escolher por si mesmo, em vez de ir atrás da boiada. Não devemos ter medo de fazer só por medo do que os outros vão pensar. Devemos procurar ser únicos e não cópias dos outros. O atual culto das celebridades só mostra que tem muita gente sem personalidade, que fica cultivando ídolos porque que não tem valores e méritos pessoais”.

## Gênero/Teatro

Uma peça teatral é escrita para ser representada por atores. Nesse tipo de texto, o autor marca, à parte, suas orientações sobre como ele deve ser apresentado. Essas marcações podem ser destinadas ao ator (explicando o tom que deve ser dado a determinada fala) ou ao diretor do espetáculo (sobre o sentido de certa cena ou gesto do personagem). O autor às vezes até inclui no texto uma orientação para o cenógrafo, o profissional que cuida dos cenários da peça. Textos teatrais podem ser tragédias, que exploram algum fato que nos choca ou inspira tristeza, ou podem ser comédias, que nos fazem rir ao falar de situações, costumes e personagens com os quais nos identificamos.



## Batata cozida, mingau de cará

Tradição oral

**Eloi Elisabete Bocheco**

Tomando como ponto de partida uma antiga canção folclórica, uma quadrinha ou cantiga infantil ou ainda um velho ditado, a autora constrói seus poemas com imagens, rimas e palavras que nos convidam a mergulhar num mundo típico de um Brasil do interior, fortemente marcado pela cultura popular.

*“Os contadores de histórias e declamadores passam para as crianças e jovens os contos, mitos, lendas, quadrinhas e cantigas. Outros recolhem as histórias em livros, como faz a catarinense Eloi Elisabete Bocheco nesse delicioso Batata cozida, mingau de cará. Esse livro é o resultado de uma escavação da memória, depois de a autora ter convivido na infância com as histórias contadas pela mãe e pelo pai. Leia e se delicie. Eu li e gostei.”*

*Tancredo Maia Filho*



## A autora

**Eloí Elisabete Bocheco** nasceu no ano de 1955, na cidade de Campos Novos, Santa Catarina, e mora atualmente em São José. Professora de Língua e Literatura durante trinta anos na rede pública de Santa Catarina, fez sua estréia como escritora em 1998. “Nem consigo imaginar a vida sem livros, sem leituras, sem literatura”, diz Eloí. “Se, por alguma razão, não pudesse mais ler, acho que poderiam me aprontar o caixão e a cova. Também acho que quem lê tem mais condições de ler o mundo e deixar de ser enganado e enrolado. Ler também é colocar-se na pele do outro, experimentar as emoções, os conflitos do outro; conhecer as terras mais distantes ou estranhas, sem sair do lugar”.

## Gênero/Tradição oral

Cantigas de roda, histórias do folclore, canções, ditados, quadrinhas, folhetos de cordel: tudo isso pode ser preservado também de forma escrita, mas é principalmente por meio da fala, do canto, da declamação que essas manifestações da nossa cultura são passadas adiante, de geração em geração, até se transformarem em tradição. Geralmente de autores anônimos, essas obras já serviram de inspiração a muitos criadores, que as reciclaram em forma de filmes, músicas, contos, romances ou poesia.

## A palavra dos educadores

*Convidamos oito educadores a participar dessa conversa sobre a formação de novos leitores: Alexandre Aguiar, Cláudia Lemos Vóvio, Heleusa Figueira Câmara, Cátia Maria de Vasconcelos Vianna, Ana Maria Galvão, Carmen Lúcia Bezerra Bandeira, José Barbosa da Silva e Maria Valéria Rezende. Pedimos que respondessem a três perguntas, dividindo conosco histórias sobre a importância da leitura em suas vidas e seus conselhos para os que querem ajudar a levar a literatura a jovens e adultos.*

### **1. Como você aprendeu a ler e a escrever?**

#### ***Alexandre Aguiar***

*(Educador, Secretário Executivo Adjunto do SAPÉ – Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação, integrante da equipe de produção do Almanaque do Aluá)*

Foi numa escola pública de um subúrbio carioca que me alfabetizei, li as primeiras palavras e escrevi os primeiros textos. Embora meu pai tenha cursado apenas o ensino fundamental, tornou-se um leitor voraz e apreciador da literatura, principalmente a brasileira. Infelizmente, havia também as leituras proibidas, como as revistas em quadrinhos, consideradas por meu pai como “leitura inferior”. Até hoje lamento conhecer tão pouco da cultura dos quadrinhos e de alguns personagens muito familiares aos leitores da minha geração.

### **Cláudia Lemos Vóvio**

*(Autora de materiais didáticos e formadora de educadores da Educação de Jovens e Adultos, na ONG Ação Educativa, São Paulo)*

Minhas lembranças a respeito são como uma colcha de retalhos na qual partes diferentes da vida tentam se combinar de modo harmonioso. Na pré-escola, recordo-me dos momentos em que ouvíamos histórias contadas e cantadas a partir de uma pequena vitrola e de discos coloridos. Da coleção *Mundo da Criança*, eu me lembro das estampas maravilhosas que me encantaram. Depois, foram os poemas infantis, as parlendas e adivinhas, os contos de fada e as bruxas. Também tive a sorte de ter um avô que contava suas aventuras por um país estranho, o Brasil do interior, do campo. Gostava das crônicas e contos dos livros didáticos, mas também fui iniciada na literatura infanto-juvenil, entrei nos mundos de José de Alencar, Visconde de Taunay, Graciliano Ramos, Machado de Assis. Dessa época e desses livros, guardo duas grandes paixões: *Inocência* e *Vidas Secas*. Bem mais tarde, como alfabetizadora de crianças, junto delas pude lambuzar-me com as delícias dos contos tradicionais brasileiros.

### **Heleusa Figueira Câmara**

*(Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)*

Em 1951, eu tinha sete anos de idade e como era *zarolhinha*, minha mãe preocupada com os machucões que a vida começara a me dar, em tão tenra idade, abriu a Escola Osório de Moraes, em Vitória da Conquista, na Bahia. Desse modo, eu, estudando sob o seu controle, ficaria mais protegida das arrelias das crianças que demonstram piedade em face dos defeitos físicos. Ela me ensinou, e aos colegas, a ler e a escrever.

Aprendi a copiar as letras do alfabeto, o meu nome, e o das coisas que usávamos no dia-a-dia. Aprendi também a inventar histórias para as imagens dos quadros da minha casa, das propagandas de revista, das paisagens dos calendários. Os textos podem atender nossas expectativas, preenchendo as faltas, as lacunas cravadas pela vida, como elemento de fruição, de consolo, de sucesso e de releitura. Para nossa sorte, o estatuto que ditava a ordem lá em casa tinha um elemento agitador infiltrado, contribuindo para que os artigos não fossem cumpridos à risca: a biblioteca de mamãe. Clássicos da literatura universal conviviam com os best sellers das décadas de 40 e 50 e com os livros de Cassandra Rios, de Mário Donato, José Lins do Rego, Jorge Amado, considerados “fortes”, e que me deram as informações proibidas, somadas a viagens eróticas.

### ***Cátia Maria de Vasconcelos Vianna***

*(Pedagoga com habilitação em magistério na Educação de Jovens e Adultos pela UERJ, professora da rede pública municipal de Duque de Caxias-RJ)*

Na minha família todos liam muito. Mas minha lembrança da época de alfabetização é de algo cansativo, as coisas escritas me fatigavam. Sempre que penso nas primeiras tentativas de ler e escrever, lembro muito mais dos meus irmãos e de nossas leituras do que do espaço da Escola Municipal. Contam que na Ilha da Madeira, mais precisamente na Ilha do Porto Santo, não tinha quem contasse melhor histórias do que nossa bisavó. Os personagens realmente ganhavam mais vida na voz dela: ora mais fina, ora grave, ora mais desafinada para não deixar dúvidas sobre quem era a bruxa. Tínhamos muitos gibis. No quarto do meu irmão, tinha coleções de livros de histórias

infantis na estante e ainda lembro a ordem em que ficavam arrumadas por tamanho, as cores e até mesmo de quanto esticava o braço para alcançar os que ficavam na prateleira mais alta...Viver sem nunca ter experimentado tudo isso é não ter vivido a liberdade em forma de vôo. Talvez isso explique a minha militância pela leitura, pela educação de jovens e adultos.

### **Ana Maria Galvão**

*(Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais)*

Aprendi na escola, no Recife, e guardo minha cartilha até hoje: *O sonho de Talita*. Mas a biblioteca da escola também teve um papel fundamental na minha formação como leitora, principalmente a partir da quinta série: ajudava a responsável pelos empréstimos e diariamente também levava livros, de gêneros variados, para casa.

### **Carmen Lúcia Bezerra Bandeira**

*(Responsável pela Gerência de Biblioteca e Formação de Leitores da Secretaria de Educação do Recife)*

Morando numa cidade do interior e com pais que gostavam de contar histórias, vivi num ambiente em que essa prática era muito corriqueira. Além disso, foi muito importante o contato com os livros de literatura, por meio do meu pai. Hoje, ao acompanhar todas as discussões sobre a formação do leitor, concluo que meu pai foi um mestre nessa arte! E ele não era formado: estudou apenas até a quarta série primária. Embora não contássemos com uma biblioteca, meu pai e seus amigos costumavam fazer os livros circular entre eles, formando uma

espécie de rede de leitores. O acesso aos livros foi a principal condição para eu me tornar leitora. Eu não teria dado esse salto se tivesse me limitado a ouvir histórias. Hoje é impossível formar leitores sem biblioteca, porque só a biblioteca pode oferecer livros em quantidade e qualidade suficiente, diversificada, para as amplas maiorias.

### **José Barbosa da Silva**

*(Professor da Universidade Federal da Paraíba)*

Na escola a professora era dura com os alunos, tínhamos de decorar as letras da cartilha e as operações da tabuada, senão ela nos castigava. Aprender a ler e a escrever, naquele ano de 1965, se reduzia a decorar letras e sílabas e, soletrando, identificar as palavras e escrevê-las no caderno. Esse rigor escolar era amenizado pela forma descontraída e leve com que minha mãe me ensinava as mesmas coisas que a escola cobrava. Ela me ensinava como se o ato de aprender a ler não fosse tarefa complicada. Brincar de ler, de certa forma, fez com que eu avançasse na escola. Eu também me lembro que ouvíamos as “histórias do trancoso”, que minha avó tinha para contar. Ela morreu quando eu tinha apenas quatro anos de idade, mas a tradição de se ouvir estórias, contadas na calçada e à noite, permaneceu.

### **Valéria Rezende**

*(Escritora e educadora popular no Nordeste)*

Minha mãe é mineira. Por isso, a contação de caso está no sangue. Eu fui criada sem televisão. Mas, mesmo depois que apareceu televisão, lá em casa continuamos durante anos sem ela. Nossa televisão era dentro da nossa cabeça, nós, crianças,

imaginando as coisas que minha mãe ia contando, inventando ou lendo nos livros para nós ouvirmos.

## **2. Que recomendação faria a um alfabetizador ou educador sobre o uso de textos na sala de aula?**

### ***Alexandre***

Em primeiro lugar, acho importante que o alfabetizador e o educador deixem de lado a idéia de que os novos leitores precisam de textos curtos, pobres e com pouco conteúdo. Outro problema comum na utilização de textos pela escola é separar o ato da leitura do prazer de ler. Como leitor e pesquisador dos almanaques, lembro que era muito comum haver edições especiais dessas publicações, no período de férias escolares. Assim ficavam claramente separadas, de um lado as leituras da escola, de outro, as leituras que davam prazer. Essa é uma separação que devemos evitar.

### ***Cláudia***

Penso que devemos oferecer os mais variados textos na sala de aula. Devemos também criar expectativas sobre o que se pode encontrar em cada história e abrir espaços para o encontro com obras e autores. É importante ouvir as opiniões dos nossos estudantes, o que eles têm a dizer sobre os textos. Recomendo que o alfabetizador conheça, desfrute e leia os textos antes de levá-los aos alunos. Acredito também que não existem *textos impossíveis*. Nosso papel diante deles é o de mediar as relações entre o texto e o leitor, familiarizá-los com os mundos criados pela escrita.

## **Heleusa**

Minha experiência de trabalho com incentivo à leitura e à escrita em presídios, com uma população de adultos, me fez constatar, ao longo do tempo, que os textos autobiográficos, as histórias de vida – escritas de si –, interessavam mais a esses novos leitores, por estimular comparações com as histórias pessoais. Reconforta expressar o que é de nós mesmos. Isso é o mais importante. O educador, portanto, deve provocar o educando com a leitura de textos que levem a desdobramentos. Um texto deve levar a outros. A contação de histórias, os acontecimentos locais, as conversas são possibilidades de diálogos que pedem que deixemos de lado os preconceitos, as crenças e verdades cristalizadas. As cartas ou a escrita pessoal para o outro também podem ser consideradas como exercício pessoal para a arte de viver. A escrita pessoal atua sobre quem a escreve e quem a recebe. Estimula a leitura e a releitura e como exercício de si invoca dois princípios: É preciso aperfeiçoar-se a vida toda, e a ajuda alheia é necessária ao labor da alma sobre si mesma.

## **Cátia**

Devem ser usados todos os tipos de texto, de gêneros variados. É preciso elaborar juntos a idéia de que, com o domínio da leitura e da escrita, aumentam as chances de construirmos voz e pensamentos próprios. Pode-se convidar o próprio professor a estreitar seus laços com a leitura, a refazer sua história de leitor com os outros professores da escola, de modo que possa estimular seus alunos. Voltar a se apaixonar por seus autores prediletos, ler e ouvir as preferências alheias, ler orelhas de livros, introduções de capítulos e recolher causos orais: essas e muitas outras maneiras de se trabalhar junto ao



grupo podem provocar a curiosidade e mobilizar os novos leitores para fazerem suas próprias descobertas. É importante não criar nenhum tipo de hierarquia ou preconceito e lembrar sempre que sensibilidade e criatividade são ferramentas valiosas no processo de trabalho com quaisquer textos, com quaisquer turmas, com quaisquer idades.

### **Ana Maria**

Diversifique os tipos de textos utilizados, não trabalhando apenas com leituras supostamente úteis. Descubra os textos que os seus alunos já conhecem e que gostam de ler/ouvir, buscando superar os seus próprios preconceitos: historicamente, a escola tenta, mesmo quando se coloca como *vanguarda*, controlar o que se deve ler. Por que não ler, com os alunos em sala, jornais de notícias populares, letras de *hip hop* ou *funk* ou trechos da Bíblia? O oral e o escrito não são pólos separados; por isso, é fundamental, por exemplo, a leitura de textos em voz alta para os que ainda não sabem ler. É importante estimular a apresentação de trabalhos orais. Se estivesse trabalhando na formação de alfabetizadores, começaria realizando, com eles, leituras coletivas e em voz alta de textos literários, para que pudéssemos, juntos e concretamente, construir o prazer de ler.

### **Carmen Lúcia**

O educador ou alfabetizador deve reconstituir sua própria história de leitor, lembrando os casos e os livros que marcaram sua vida. Por preconceito, ele não costuma valorizar suas memórias pessoais. Um texto interessante a ser utilizado seria a biografia do pintor Cândido Portinari escrita por ele próprio,

que é construída sobre as imagens que marcaram a sua infância – a cidade do interior, os colegas da escola, o professor, as brincadeiras, o circo, a banda – e que deram origem aos seus quadros. A forma do texto ajuda o grupo a rememorar, buscar imagens, cenários interessantes da infância. Outro livro que poderia ser usado é *Quarto de despejo*, os diários de Carolina de Jesus. O que fazia Carolina sentir vontade de escrever, com uma vida tão precária, com as condições materiais tão adversas? Também recomendo *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, porque sempre provoca um bom papo. É sobre o encontro de uma menina com a sua bisavó, a partir de uma velha fotografia.

### **José Barbosa**

Para aprender a ler é preciso ler, assim como só se aprende a nadar nadando ou só se aprende a andar de bicicleta pedalando. Para quem está começando a aprender a ler – por pressão social, por vontade, desejo ou necessidade – faz falta a presença de um professor que faça leituras na sala de aula, que mostre ao aluno que ler, assim como brincar, pode ser uma delícia. Se o professor gosta de ler, ele é capaz de mobilizar o aluno para a leitura também, porque comunicamos melhor aquilo que sabemos e gostamos de fazer. Se a leitura já é benéfica para o aluno, aliada ao exercício da escrita, o benefício se torna ainda maior. Escrever distrai, faz passar o tempo, arruma idéias ainda em formação, além de ser um instrumento de comunicação para consigo e para com os outros. No ato de escrever todos gostam de se revelar. Na Educação de Jovens e Adultos isso não é diferente: não há quem não goste de ser personagem, de se revelar, de ser autor de textos escritos e de ver esses textos sendo levados em consideração.

### ***Maria Valéria***

Antes de mais nada, um alfabetizador precisa gostar de ler... se ainda não gosta, tem de descobrir o prazer da leitura. Recomendo que, desde o primeiro dia de aula, todos os dias, leiam para os alunos alguma coisa prazerosa, divertida, comovente, espantosa, enfim, que permita experimentar desde o início o prazer que a leitura pode dar. Colaboro hoje com um projeto, a Biblioteca Livro em Roda, que funciona com uma equipe de contadores/leitores de histórias que atuam em escolas rurais na Paraíba. As educadoras que circulam com os livros sempre lêem as histórias (mesmo quando já as sabem de cor), para que fique sempre clara a ligação do livro e da leitura com a fantasia e a literatura.

### **3. Como a literatura pode contribuir no trabalho de alfabetização e estímulo à leitura com jovens e adultos? Tem alguma experiência interessante para contar?**

#### ***Alexandre***

Em 1993, na ONG em que trabalho, a Sapé, publicamos o primeiro número do *Almanaque do Aluí* com o objetivo de criar material de leitura para jovens e adultos recém-alfabetizados. O almanaque, que teve novas edições em 1998 e em 2005, acabou sendo adotado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad como material de incentivo à leitura e à formação de novos leitores. Graças a essa experiência, nossa equipe redescobriu um tipo de literatura muito antigo (já circulava pela Europa há séculos) e que foi muito popular no Brasil até a metade do século XX. Os almanaques fizeram parte da vida de tanta gente e ainda possuem um grande apelo entre muitos tipos de leitores.

## **Cláudia**

Diariamente, durante os nove anos em que fui alfabetizadora, lia para os estudantes. Seleccionava contos, fábulas, poemas, romances que eram oferecidos aos alunos todas as noites. Duas grandes leituras de que me recordo de ter feito com eles foram *Fábulas italianas*, de Ítalo Calvino, e *Alexandre e outros heróis*, de Graciliano Ramos. Esses livros trouxeram outras tantas histórias, contadas e recontadas pelos estudantes. Foi aí que pude ter idéia do verdadeiro patrimônio literário oral que guardavam. Havia muito que contar, desde as histórias que ouviram até as histórias de vida de cada um. Também foi com meu trabalho entre jovens e adultos que aprendi a ler poesia, gênero que antes disso não tinha sido tão marcante na minha história como leitora.

## **Heleusa**

Gostaria de compartilhar a experiência do *Letras de Vida: escrita de si*. Esse núcleo tem como meta divulgar as produções escritas por autores populares. Pessoas que não puderam estudar, ou que só puderam freqüentar a escola por muito pouco tempo. São pessoas que, mesmo assim, decidiram escrever da maneira que sabem. Nosso programa é destinado àqueles que se propõem somar os trabalhos manuais aos trabalhos criativos. Trabalhadores da construção civil, pedreiros, pintores, serventes, trabalhadores rurais, trabalhadores informais, sapateiros, donas de casa e prisioneiros fazem parte do projeto como autores. A escrita é incentivada e a revisão dos textos é feita para atender a correção gramatical, ortográfica, preservando, entretanto, a integridade da obra. *Letras de Vida* propõe-se a trazer à tona emoções, prazeres, medos, dores, costumes. As pessoas têm muito medo de falar e de escrever.

Medo de ferir as normas, de deixar marcas, de escrever errado, de ser motivo de riso, do que os outros vão pensar. E assim, aprendo eu, aprende você, todos nós aprendemos a ver por dentro, a ler o outro, a escrever a vida.

### **Cátia**

O professor precisa ter claro que a adoção da literatura em sala de aula é muito importante porque ler serve a muitas finalidades. Um leitor só se forma quando cada um pensa respostas para perguntas como “por que” ler, “para que” ler. Até mesmo a idéia de direito, de acesso democrático ao material de leitura precisa ser trabalhada. A biblioteca tem de ser vista como um espaço por onde estão sempre circulando todo tipo leitores, experientes ou não. Vale lembrar que o professor deve ter gosto pela leitura (Ana Maria Machado já nos disse que ninguém ensina ninguém a gostar de ler, a gente se “contamina”). Uma experiência muito válida são as *Rodas de Leitura*, experiência significativa de que já participei como adulta em cursos de formação continuada.

### **Ana Maria**

Na minha tese de doutorado, estudei o papel da leitura e audição de folhetos de cordel na vida de pessoas de meios populares entre as décadas de 30 e 50 do século XX. Compreendi que, ao contrário do que dizem vários estudos, o adulto analfabeto ou semi-alfabetizado é capaz de usufruir esteticamente da leitura literária. Os entrevistados que ouvi para a minha pesquisa mostram que os folhetos preferidos eram aqueles sobre *reinos distantes* e personagens irreais, exatamente

por sua capacidade de fazer sonhar, emocionar, rir, transportar para outros tempos e espaços. Os depoimentos também faziam referência às “palavras bonitas”, às “rimas bem feitas”, ao “verso bem cadenciado” como fundamentais nas escolhas dos folhetos. Essas leituras eram realizadas fora da escola e contribuíram para a alfabetização de um grande número de pessoas e para a sua inserção na cultura escrita.

### ***Carmem Lúcia***

Nosso trabalho traz muitas surpresas e revelações, como a oferecida pela coordenadora de uma creche, que era semi-analfabeta. Ela contou por escrito um caso ocorrido durante uma enchente. A enxurrada derrubou a casa do avô dela e a correnteza, junto com a lama, levou para o fundo de um riacho um tacho de ouro, que era um tesouro da família. Depois, as pessoas da família foram procurar o tacho, escavando o fundo do riacho, mas não encontraram. Com o passar do tempo, o tacho de ouro começou a aparecer para as pessoas que iam pescar, lavar roupa ou tomar banho no riacho. Elas mergulhavam nas águas para pegar o tacho, mas quando iam se aproximando, o tacho se movimentava, deslizava, se distanciava. A autora escreveu essa história com erros gramaticais e ortográficos, mas com uma força de comunicação e expressividade que fez o maior sucesso. Ao escrever a história do tacho despertou um sentimento de orgulho na família, que não sabia que possuía seus próprios mitos, nem que alguém soubesse escrevê-los. É nisso que dá trabalhar com os textos literários e a literatura: faz desencadear histórias que alimentam novas histórias, gerando mais material de leitura e de escrita!

### ***José Barbosa***

Na minha primeira infância, conheci muitas histórias, que depois fui descobrir que eram clássicos da literatura, porque foram contadas a mim pela tradição da oralidade. A magia daquelas histórias povoou a minha imaginação. Não muito tempo depois, em vez de ouvir as histórias, passamos a inventá-las – eu e meus amigos, todos crianças, que moravam na minha rua. A cada dia, eu contava um pedaço da trama ali criada, deixando para o dia seguinte a continuidade dela, interrompida, sempre, num momento de suspense, como faziam as novelas de rádio. Nessa tarefa de inventar histórias dei-me bem, de modo que ganhei platéia. A literatura era revelada não como um amontoado de regras, mas como um jeito rico e original de se falar do cotidiano ou das coisas mais importantes da vida.

### ***Maria Valéria***

Depois que aprendi a ler sozinha, nunca mais parei. Metendo-me num livro, eu podia experimentar ser muito diferente do que era, ser uma boneca de pano, como a Emília. Como leitora, voltava e volto sempre dessas *viagens* com alguma coisa nova incorporada na Valéria de carne e osso. Aí está o segredo do encanto e da necessidade vital de aprender a ler e de ler a literatura: todos nós nascemos com a possibilidade e a capacidade de viver mil vidas diferentes. À medida que vamos vivendo, as circunstâncias vão nos limitando, temos de ir escolhendo encruzilhadas, muitas delas sem volta. Muitas possibilidades abertas vão desaparecendo do horizonte. Mas a capacidade de ser outra, experimentar outros modos de viver, fica lá, incomodando, deixando-nos sempre com uma inquietação. Acho que a ficção,

com as histórias que imaginamos, foi a melhor solução que a humanidade inventou para esse desassossego. Um livro permite transformar num tempo bom e interessante muitas horas tediosas da vida: um longo trajeto de ônibus ou de metrô, uma longa espera numa fila, no posto de saúde, à cabeceira de um doente. Literatura é mais vida!

## Do leitor ao escritor

Como se fosse um espelho, um livro muitas vezes reflete nossas idéias e sentimentos, medos e esperanças. Mas às vezes nos esquecemos de quem está atrás desse espelho: o escritor. É bom lembrar que há um leitor em todo escritor; e que dentro de muitos leitores se esconde – quem sabe – um escritor. Para responder a pergunta “Ler para quê?”, é importante se perguntar: por que escrever?

Para essa questão não existe uma resposta certa, ou mesmo uma única resposta. Desde que o mundo é mundo, escritores de todas as épocas e países têm se perguntado por que se dedicam a uma tarefa tão difícil. “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas”, comparou certa vez a romancista Clarice Lispector. Outra escritora brasileira, Ana Miranda, descreve assim a missão de criar um personagem: “A gente passa a vida construindo uma alma, uma maneira de ser, uma forma de ver o mundo. A literatura é um trabalho sofrido e a folha em branco pode ser algo aterrorizante para qualquer escritor.” Já Mário Quintana não vê na sua poesia nada de assustador: “As minhas palavras são quotidianas / como o pão nosso de cada dia/ E a minha poesia é natural e simples/ como a água bebida / na concha da mão.”



Ler pode parecer um ato tão solitário como escrever, mas escritores e leitores – queiram ou não – estão unidos por uma espécie de comunhão. Afinal, como disse o escritor francês Michel Tournier, um livro não tem só um autor. Além do escritor, são também autores todos os que leram, lêem e lerão aquele livro – cada um à sua maneira. Sem o leitor, o livro não existe. “O escritor sabe disso e quando ele publica um livro, solta na multidão anônima de homens e mulheres uma nuvem de pássaros de papel”, lembra Tournier. Esses mensageiros – os livros – saem em busca da imaginação dos leitores para se encher de calor e vida.

A literatura nos coloca diante de muitas portas. Quais podemos abrir e para onde elas nos levam? Como dizem os versos de Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia*, de *A rosa do povo*:

“Chega mais perto e contempla as palavras. Cada palavra tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?”

## Produção gráfica e editorial dos livros da coleção

### SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção

**Cristina Guimarães**

cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa

**Ribamar Fonseca**

ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto Editorial e Revisão do texto

**Alessandro Mendes e Iara Vidal**

alessandro@azimutecomunicacao.com.br

iara@azimutecomunicacao.com.br

Editoração eletrônica

**Fernando Alves**

fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção

**Adriana Mattos**

adriana@supernovadesign.com.br

Iconografia

**André Cerino**

zazag518@terra.com.br

Cabelos molhados – aquarela

**João Rafael Corrêa Lima**

jooorafael@yahoo.com.br

Família composta – nanquim

Léo, o pardo – nanquim

**Ribamar Fonseca**

ribamar@supernovadesign.com.br

Caravela [redescobrimientos] – aquarela

Entre as juntas dos ossos – grafite

**Sergio Alberto**

mibrasilia@hotmail.com

Madalena – fotografia

Abraão e as frutas – fotografia

**Tati Rivoire**

tati@tativivoire.com.br

Cobras em compota – bico de pena

Batata cozida, mingau de cará – estilo xilogravura

Tubarão com a faca nas costas – ilustração digital

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação  
em novembro de 2006.



Ministério  
da Educação

